



CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PRISCILA RODRIGUES SILVA

A DOR DO EXISTIR E DO RESISTIR: UMA ANÁLISE FÍLMICA DO
DOCUMENTÁRIO “BOMBADEIRA – A DOR DA BELEZA”

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2018

PRISCILA RODRIGUES SILVA

**A DOR DO EXISTIR E DO RESISTIR: UMA ANÁLISE FÍLMICA DO
DOCUMENTÁRIO “BOMBADEIRA – A DOR DA BELEZA”**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito total para à
obtenção do título de graduada no curso
de Psicologia pelo Centro Universitário
Doutor Leão Sampaio.

Orientador: Tiago Deividly Bento
Serafim

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2018

A DOR DO EXISTIR E DO RESISTIR: UMA ANÁLISE FÍLMICA DO DOCUMENTÁRIO “BOMBADEIRA – A DOR DA BELEZA”

Priscila Rodrigues Silva ¹
Tiago Deividly Bento Serafim ²

RESUMO

Esta pesquisa objetivou-se a problematizar quais são as significações que os corpos têm na vida biopsicossocial das travestis que protagonizaram o documentário “Bombadeira- a dor da beleza”. A imagem corporal é tema recorrente nas discussões de diversas áreas de conhecimento e ganha bastante repercussão nos meios sociais. Os padrões de beleza é um tema privilegiado para estudos e reflexões a cerca das praticas que circundam o lugar que a corporeidade tem na contemporaneidade, sendo o corpo um campo de experiências. Pesquisar sobre esse tema é discorrer sobre os impactos e consequências que mudanças físicas ocorridas nesse corpo trouxeram para as travestis, falar sobre as expectativas em cima desse corpo que foi cuidadosamente montado e idealizado para ser sempre perfeito e satisfatório. A pesquisa utilizou-se do método de análise fílmica para analisar o documentário “Bombadeira- a dor da beleza”, fazendo-se uma interlocução entre as falas das protagonistas e o aporte teórico que contempla os objetivos desse artigo.

Palavras-chave: corpo, bombadeira, travesti, a dor da beleza

ABSTRACT

This research aimed to problematize what are the meanings that bodies have in the biopsychosocial life of the transvestites who starred in the documentary "Bombadeira - the pain of beauty". Body image is a recurring theme in the discussions of several areas of knowledge and gains a lot of repercussion in social media. The standards of beauty is a privileged subject for studies and reflections on the practices that surround the place that the corporeity has in the contemporaneity, being the body a field of experiences. Research on this topic is to discuss the impacts and consequences that physical changes in this body have brought to transvestites, to talk about expectations over that body that has been carefully assembled and idealized to always be perfect and satisfying. The research used the method of film analysis to analyze the documentary "Bombadeira - the pain of beauty", making an interlocution between the lines of the protagonists and the theoretical contribution that contemplates the objectives of this article.

Keywords: body, bomb, transvestite, beauty pain

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo procura compreender as mudanças corporais ocorridas nas travestis do documentário “Bombadeiras- A dor da beleza”. Sabe-se que o corpo é a nossa

¹ Graduanda do curso de psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio- Unileão
E-mail: priscila.pr@hotmail.com

² Mestre em ciências das religiões, professor do curso de psicologia do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio- Unileão
E-mail: tiagodeividly@leaosampaio.edu.br

imagem, nossas impressões, o corpo travesti traz a modificação e a ressignificação dos corpos, nos denota um novo modelo de corpo, além do biologicamente herdado, esse corpo é marcado por histórias e (re) significações para o sujeito, onde ele pode se reinventar, se recriar, contestando os legados biológicos e culturais de uma sociedade marcada pela heteronormatividade. (JAYNE, 2001, p.169)

A travestilidade desafia a heteronormatividade imposta e as normas sociais, o que torna o tema bastante complexo, envolvendo gênero, identidade e corpos. As transformações e expressões corporais na travestilidade vêm em contraponto às teorias que afirmam o gênero apenas como masculino e feminino atrelado ao sexo, carregadas de valores e normas.

A imagem corporal é um aspecto muito discutido e que ganha repercussão nos meios sociais. No nosso contexto, os padrões de beleza configuram um lugar privilegiado, fazendo-se necessária, uma discussão e reflexão acerca dos discursos e praticas que circundam esse lugar da corporeidade na contemporaneidade, o corpo sendo um campo de experiências (BARROS DANTAS, 2011). Diante dessas questões e de tomar conhecimento do documentário “Bombadeiras- A dor da beleza” de Luiz Carlos de Alencar, que foi estreado no ano de 2007, esse documentário que retrata as travestis no seu íntimo, dentro de suas casas, suas histórias de vida e como ocorreu seu processo de transformação, e após assistir e analisar algumas falas das entrevistas surgiu uma inquietação acerca de quais são as significações que os corpos têm na vida das travestis entrevistadas nesse documentário.

Pesquisar sobre esse tema é discorrer sobre os impactos e consequências que mudanças físicas ocorridas nesse corpo trouxeram para as travestis, falar sobre as expectativas em cima desse corpo que foi cuidadosamente montado e idealizado para ser sempre perfeito e satisfatório. Muitas travestis iniciam suas transformações muito novas, e que desde muito jovens e desde então são tidas, e acabam sendo incompreensíveis. São estigmatizadas como “aberrações” por estarem modificando seus corpos em busca do feminino, vivendo assim a margem da sociedade, em muitos casos, se tornam invisíveis. Justifica-se a escolha desta análise por se compreender a relevância de problematizar sobre as representações dos corpos e significados nas vidas das pessoas e como eles se transformam, acarretando em mudanças não somente físicas, mas em todo seu contexto social.

Essa análise objetiva-se por compreender como as travestis vivenciam as mudanças realizadas em seus corpos, procurando identificar quais são as mudanças

biopsicossocial ocorridas com as mudanças corporais, entender as relações subjetivas associadas ao corpo travesti e identificar como ocorrem os processos de invisibilidade e estigmatização sofrido por elas.

Levanta-se como hipótese que a travestilidade esta ligada intimamente a um novo modo de vida, a novas configurações de corpos e de uma formação de identidade, não excluindo-se que esse corpo pode ser fonte de sofrimento, pois o mesmo foi transformado para ser sempre desejado, satisfatório, sendo que ao longo do tempo vai se perdendo o sentido e o valor para muitas travestis que vivenciam de formas subjetivas o “ser travesti”. O corpo travesti é bem mais que as mudanças físicas e cirurgias ou bombação, pois ele passa a ser a identidade subjetiva daquele individuo. Esses processos subjetivos, psíquicos estão ligados a imagem corporal pode ser observado mais fortemente nas travestis.

2 O CORPO E O GÊNERO

Faz-se necessário desconstruir a dicotomia entre gênero e sexo, uma vez que, gênero não é igual a sexo, pois o sexo é algo pré-determinado biologicamente, enquanto gênero é algo historicamente, culturalmente e socialmente construído, os sujeitos nasceram masculino ou feminino, mas se tornaram homens ou mulheres. “O gênero faz parte da logica social que da significados aos corpos, práticas, crenças e valores, tanto o corpo produz o gênero, como o gênero produz o corpo em relação simultânea” (ANTUNES, 2010, p.82).

O gênero é quem gera a importância do que se entende por corpo, organiza em sexos distintos e com sexualidade própria. A ideologia de gênero moderna embasa a heterossexualidade imposta, sendo assim, as pessoas se relacionem com pessoas do sexo oposto, pois isso é tido como algo “normal” (LEITE JUNIOR, 2008).

Benedetti (2005 apud ANTUNES, 2010, p.82) apresenta o conceito de gênero da seguinte forma:

O gênero não deve ser uma inscrição cultural de significado sobre um sexo pré-dado. Ele deve designar também o próprio aparato de produção no qual os sexos são estabelecidos. O sexo não está para a natureza assim como o gênero está para a cultura. O gênero é um meio discursivo cultural pelo qual uma natureza sexuada ou sexo natural é produzido e estabelecido como realidade pré-discursiva.

Miskolci, (2009) “Teoria *Queer* emergiu nos Estados Unidos em fins da década de 1980, em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e gênero.” A nomenclatura *Queer* é um xingamento que indica anomalia, perversão e desvio que

servem para enfatizar a normalização que se concentrava na sexualização. Os estudos não procuravam compreender os seres desviantes, mas sim, em se contrapor as normas, buscando fazer críticas a normalização existentes quanto a gênero, sexo e corpo. (PELUCIO, 2009 *apud* ANTUNES e MERCADANTE, 2012).

Bento (2008, p 107) em seus estudos relata sobre a patologização das identidades de gênero:

A patologização de determinadas identidades autoriza e confere poder, àqueles que são considerados normais, para realizar com as próprias mãos a “asepsia” que deixará a sociedade livre da “contaminação”. As normas de gênero só conferem inteligibilidade, ou seja, existência e direito à vida àqueles que estão alocados em “gêneros apropriados” aos seus respectivos “corpos sexuados”. Além disso, elas possibilitam a emergência de conflitos identitários com essas mesmas normas. Portanto, o saber médico, um dos “fabricantes” das normas de gênero, não descreve a natureza e sim a produz. Conforme já vimos, nenhuma formação de saber que estrutura determinado conceito é neutro.

Ao observar nosso contexto contemporâneo, é possível notar que o corpo travesti não se enquadra nos padrões normativos, pois é considerado inadequado, uma vez que ele rompe com a binaridade de gênero. A travestilidade se dá durante toda a vida, mas quando não é assumida, em razão das convenções sociais que são impostas sobre o seus corpos, ocorre um apagamento de seu corpo, já que o corpo travesti é visto como desajustado, fora dos padrões e com isso se tem uma repressão quanto as suas vertentes incompatíveis como o socialmente aceito. Você não será aceito enquanto não suprir suas vontades, desejos, que são incompreendidos pelas definições de “humanidade” estabelecidas. (CARNEIRO, GOMES e ALVES, 2017).

A travesti é marcada em seu corpo como um objeto sexual, escoando pelas categorias de raça, classe, idade entre outras. Muitas travestis experienciam as dinâmicas de exclusão e opressão social, pois muitas travestis contrapõem aquilo que é dado como “natural” em sua diferenciação das transexuais, já que a transsexualidade é a identificação com o sexo oposto daquele que lhe foi conferido no seu nascimento. Ser travesti é viver uma ambiguidade, o “ser” travesti é não se identificar no masculino ou feminino, pois elas vivenciam isso ao mesmo tempo, já que essa transição pelos gêneros causa estranhamento e confusão para as pessoas. Ser travesti e romper e quebrar com as normatizações de gênero, estabelecendo novas formas subjetivas e modos de viver. (LOGARAY; RIBEIRO, 2016).

Os autores postulam ainda a perspectiva de que as travestis e transexuais são subjetivas em seu modo de viver:

Os termos transexualidades e travestilidades são polissêmicos, (res)significados pelos sujeitos, dependendo do contexto e das experiências vivenciadas, evidenciando que múltiplos são os modos de ser travesti e transexual. Os entendimentos acerca das transexualidades e travestilidades são imbricados às diferentes e singulares maneiras de viver de cada sujeito e, por isso, são entendidos de distintas formas. (LOGARAY; RIBEIRO, 2016, p 765).

Na justificativa do projeto de lei 5.002/2013 descreveu os estigmas e preconceito sofridos pelas transexuais, travestis e transgêneros, denotando assim a importância de dar visibilidade aos corpos marcados pelas cicatrizes de uma sociedade punitiva. O projeto ainda justifica que não tem como esconder ou mascarar os sujeito, que a partir de uma certa idade não tem como ficar *dentro do armário*, que é preciso se dar visibilidade para essa população que vive marginalizada, pois sua identidade esta marcada em seus corpos que são estigmatizados por não conseguir vestir o seu disfarce (BRASIL, 2013, grifo nosso).

As relações com a imagem e com o corpo, tem sido tema de algumas pesquisas, trazendo a ligação entre corpo fisiológico e atos psíquicos dominantes. O corpo se torna assim tema assim, a ser tema relevante em diversas áreas tai como antropologia, psicologia e filosofia. Essa discussão se torna central em algumas áreas da psicologia, levando a refletir sobre a contribuição desta para tais problemáticas que envolvem corpo, mente e corporeidade. Torna-se ainda um importante assunto de discussão quando se tem avanços nas políticas de saúde para assistência da população LGBTQI+², quando ocorrem cirurgias de mudança de sexo que são realizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), fazendo-se presente uma relação mente e corpo, aonde se ha um trabalho não meramente fisiológico, como também psicológico com relação aos aspectos corporais. (DE LUCAS FREITAS et al, 2015)

3 A TRAVESTI E O CORPO

A nomenclatura travesti surgiu no Brasil integrado ao meio artístico e as festividades populares. Era o termo designado para as pessoas independente do comportamento, identidade ou orientação sexual que se *fantasiavam* do sexo oposto. (NOGUEIRA, 2013, p.49-51, grifo nosso). O autor destaca ainda que “Falar da experiência travesti e falar de relações e processos, como também falar de subjetividades, de historias de vida que não podem ser atravessadas por uma concepção de identidade como algo definido e encerrado em si mesmo”.

² LGBTQI+, é uma sigla que significa Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo.

Antunes (2010, p.72) denota que algumas travestis iniciam sua transformação na puberdade, entre, 12 e 15 anos, a princípio com o crescimento do cabelo, das unhas e uso de maquiagem, e na maioridade começa-se o tratamento hormonal fazendo uso de progesterona e estrogênio, esses hormônios desenvolvem seios, afinam a cintura, arredondam o quadril, redistribuem a gordura corporal e rareia a produção de sêmen.

O procedimento hormonal tem um caráter mais subjetivo do que físico, pois esse processo, elas sentem como se tivesse suprimido algo de feminino que nelas faltam. Essa transformação traz algo de sexual para o corpo, fazendo com que a maioria das mulheres travestis estejam ligadas a prostituição, pois esse corpo foi cuidadosamente construído para ser desejável e lucrativo com essa associação da travesti com a prostituição e muito presente no Brasil, pois estando ligado a um imaginário de desregramento sexual. A prostituição³ ainda é o principal meio de trabalho adotado pelas travestis, trans e indivíduos que estão em inconformidade de gênero. As travestis tem uma grande preocupação com a imagem e o corpo físico, pois muitas vivem de seus corpos e por isso a aparência se torna um quesito fundamental para elas. (NOGUEIRA, 2013, p.52).

É significativo diferenciar o corpo travesti de outras identidades, inclusive da mulher trans, pois algumas delas se caracterizam como travestis e não como mulher, havendo um contraponto, uma ambiguidade. O corpo travesti está associado a uma condição de não identificação com um gênero ou sexo específico. A experiência transexual não condiz com a realidade das travestis, pois pessoa trans se identifica com o sexo oposto ao que lhe é conferido no seu nascimento, apesar de acharem-se semelhantes, são contextos diferentes que marcam esses corpos, criando a identidade travesti. Assim viver a travestilidade é um processo de constante construção, sempre procurando novos significados, viver na condição de travesti é viver na liminariedade. (CARNEIRO, GOMES e ALVES, 2017).

É no corpo que tais sujeitos encontram seu cárcere, ao localizarem os marcos do masculino e do feminino; e é nesse contexto que emergem as tentativas de confundir aquilo que os definem, que os taxonomizam na binaridade de gênero vigente. Para realizar tal concepção os sujeitos trans investem conhecimento, tempo e dinheiro para que

²A prostituição ainda é um dado relevante é muito presente na vida das travestis, essa realidade laboral, e uma das causas que ainda matem o ciclo de violência com as travestis, ainda se matem devido a baixa escolaridade, e o despreparo das mesmas para a inserção no mercado de trabalho, tais atividades são mantidas pela estigmatização, marginalização sofrida por parte de uma sociedade excludente de seres que fogem aos padrões heteronormativos, onde se percebe uma objetificação desses corpos .

possam ostentar sentir e até mesmo exibir um corpo diferenciado que rompe com os padrões anatômicos, estéticos e de gênero vigente, um novo corpo, construído a partir da idealização que transcende o imaginário e acercar-se do real desejado. (LEITE JUNIOR; NASCIMENTO, 2012).

As travestis adotam diversas formas de transformação, algumas se utilizam do silicone para mudar as formas corporais, outras se utilizam da famosa “bombaço”, que é aplicação de silicone industrial de forma caseira, onde esse procedimento é feito por travestis mais velhas, as chamadas Bombadeiras. Essas mulheres injetam esse líquido no corpo das travestis, sendo estas, responsáveis por moldar e transformar o corpo dessas travestis que recorrem a bombaço, quase como uma construção arquitetônica, e assim nasce um novo corpo. O uso desse produto é feito de forma ilícita, as Bombadeiras conseguem esse silicone através de fornecedores que trabalham em comércios ilegais muitas travestis recorrem a esse método por ser mais barato e até mais acessível, mesmo sabendo que estão correndo sérios riscos de saúde, por ser silicone ser material industrial e não cirúrgico. (ANTUNES, 2010, p.77).

Costumeiramente estão maquiadas, unhas bem pintadas, cabelos arrumados. Todos esses aspectos tem caráter subjetivo para construção do feminino, onde maquiagem é utilizada como uma forma de minimizar ou esconder alguns traços do rosto, principalmente os pelos da barba. Quando ouve-se a palavra travesti, imagina-se de imediato um ser *transvestido* de mulher. Na modificação dos corpos, os primeiros aspectos modificados são as vestimentas. As travestis em alguns relatos para pesquisas, costumam discorrer que quando crianças, vestiam-se com roupas femininas, demarcando uma identificação, que normalmente ainda não estão relacionados ao início dos processos hormonais e modificações no corpo, a vestimenta fica caracterizada como um símbolo feminino. (LEITE JUNIOR; NASCIMENTO, 2012, grifo nosso).

Benedetti (2005 apud SANTOS FILHO; DE SOUSA, 2017) discutem o corpo travesti como uma linguagem cheia de significações por conta das condições e práticas culturais, sociais. É através dos corpos que as definições de masculino e feminino se fundem e dão as pessoas personalidade e suas qualidades sociais. O corpo é o que faz o sujeito travesti, em que a travestilidade não seja marcada pelo uso de silicone ou o uso de hormônios, mas sim, pelos afetos, desejos e vontades.

Os autores Santos Filho; De Sousa (2017) discorrem em seus escritos que a travesti encara seu corpo como algo corrigível, manipulável. A vestimenta de mulher é uma aparência adotada pelas travestis na tentativa de modificar a natureza biológica do

seu sexo. A incorporação feminina requer não só trajes, mas também assumir gestos e toda uma performática, em que o uso do silicone requer pensar como se dá a relação das travestis com os corpos, tem-se uma relação de poder marcada como uma disputa sobre as formas e traços que esses corpos devem ter, questionando as leis que regem o funcionamento de gênero.

As performances subjetivas, as significações e normas vigentes desenvolvidas pelas travestis e por elas adotadas, invertem as leis e ordem que estão implicadas nas identidades de gênero e sexo, causando conflitos com o meio. A subjetividade travesti se constrói a partir de suas vivências e experiências sociais e históricas, compartilhando momentos com o mundo, seu social e ao mesmo tempo em que se transforma. O corpo estabelece uma ligação com o meio social ao qual o sujeito está submetido, fazendo essa interlocução entre o corpo e ambiente. O ser está condicionado a viver de acordo com as regras que regem a normalidade da vida social. (FERNANDES; BARBOSA, 2016). Os autores ainda conceituam as noções de corpo e corporeidade

O corpo é como temos constatado pelo exposto, ponte de ligação do indivíduo com o mundo, e a corporalidade é central na construção da sua identidade e autoestima. Mas, se psiquismo e corpo estão ligados no todo que é o indivíduo, corpo e corpo social têm também ligações estreitas. Assim como há uma ordem social, há uma ordem corporal – e desvios a essa ordem. A ordem corporal inicia e revela a ordem social. (FERNANDES; BARBOSA, 2016, p.73)

Remetendo essas concepções para o corpo travesti que é considerado um corpo marcado, abjeto, visto como seres marginalizados, que romperam com os padrões de gênero, e que muitas vezes relacionados com doenças, delinquentes e varias outras conotações negativas relativas a essa população, a travesti se (re)constrói, para ter um novo corpo, e diante do exposto ela assume uma nova identidade. (DAVI; BRUNS, 2015, p.331).

4 METODOLOGIA

O artigo utilizou-se como técnica de pesquisa a abordagem metodológica qualitativa. O pesquisador utiliza-se do método de pesquisa qualitativo para tentar explicar os objetivos da pesquisa, os dados utilizados são não métricos, não quantifica valores, pois a pesquisa qualitativa não se preocupa com números, mas com a compreensão na exemplificação dos fatos ou grupos sociais, com aspectos reais que não podem ser medidos (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.31). Quanto a natureza dos dados, utilizou-se de pesquisa explicativa que segundo Gil (2017), identificam os

fatores que contribuem para ocorrência dos fenômenos, esse tipo de pesquisa aprofunda o conhecimento da realidade, exemplifica a razão, o porquê de tais coisas, constituindo o tipo mais complexo de pesquisa, já que o risco de cometer erros eleva-se.

Quanto a análise para obtenção dos resultados da problemática, utilizou-se uma análise fílmica sobre o documentário “Bombadeiras - A dor da beleza”. O objetivo de uma análise fílmica é o de interpretar e explicar o funcionamento de um filme e fazer uma interpretação dos dados trazidos pelo contexto. Os filmes e o cinema nos distraem e ainda proporcionam reflexões críticas acerca dos temas apresentados, pois a análise sobre os filmes, documentários e escritas sobre o cinema, dependem muito do analista e das impressões e olhares particulares do mesmo sobre aquela tela. (PENAFRIA, 2009).

A análise se deu através de uma observação indireta e não participante. Esse tipo de técnica é utilizada quando se trata de pesquisa com perspectiva dramatúrgica, onde os pesquisadores tentam retratar com essa abordagem as linguagens verbais e não verbais presentes naquele contexto. A observação não-participante procura padrões ou resumos em uma narrativa, permitindo ao pesquisador obter dados através de filmes, vídeos ou documentários. O estudo de filmes permite ao observador repetidas análises por meio das imagens gravadas e registro em tempo real. (DE MENDONÇA; CORREIA, 2008, p.128).

O artigo foi fundamentado com um aparato teórico de ideias e pressupostos de autores que discutem e apresentam significativa importância para conceituação dos tópicos discutidos na análise e fundamentação teórica tais como gênero, sexo, corpo e construção do corpo travesti. Para tanto, utilizou-se de fontes secundárias como livros, artigos, trabalhos acadêmicos e afins, que foram levantados e selecionados durante a discussão e construção dessa pesquisa. Esse trabalho decorreu através do método de análise de conteúdo, utilizando-se de autores com ideias semelhantes ao objetivo da pesquisa. Moraes (1999) afirma que “a análise de conteúdo constitui-se de uma metodologia de pesquisa utilizada na descrição e interpretação de documentos e textos das mais diversas classes. Através de descrições sistemáticas, ela ajuda o pesquisador a reinterpretar as mensagens e atingir uma compreensão mais aprofundada destas.”

Os critérios de inclusão adotados para análise desse documentário foi o uso do filme para entender as relações subjetivas que as entrevistadas tinham sobre seus corpos e como as transformações implicam no seu meio social, bem como os processos de estigmatização e exclusão sofrida por elas. Por se tratar de casos reais, foi possível

analisar de forma mais fidedigna em suas falas e perceber as emoções implicadas em seu discurso e trejeitos corporais.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O documentário “Bombadeiras- A dor da beleza”, é um longa metragem dirigido pelo diretor baiano Luiz Carlos de Alencar. O longa foi produzido e editado pela SINGRA PRODUÇÕES e Fernando Oliveira, com duração de uma hora e quinze minutos. O documentário procura explorar a vida e a realidade das travestis da Bahia, onde o diretor procurou expressar no longa como ocorre a vida dessas pessoas no íntimo de suas casas, de suas vidas e relatando suas histórias.

O documentário traz como peça principal a “bombação”, que o método utilizado pelas travestis para modificar seus corpos, onde as mesmas recorrem a uma travesti chamada “Bombadeira” para fazer a aplicação do silicone industrial, que é uma das alternativas mais perigosas e mais utilizada por elas. O documentário tem como foco a construção de seus corpos, nele é retratado de forma vívida os sentimentos, emoções, seus sonhos, vontades, preconceitos e decepções que estas cultivam e carregam durante toda sua trajetória, o documentário retrata elas por elas.

Essa análise contemplou o impacto que tais transformações físicas acarretaram na vida biopsicossocial dessas travestis, foi feita uma interlocução entre as falas das personagens entrevistadas no documentário e o aporte teórico que contempla o objetivo desse artigo.

“A dor da beleza é porque sai rasgando, e a bicha tá ali sentindo dor e ela está aguentando, ela sabe que está sentindo dor, mas sabe que vai ficar bonita, é uma dor da beleza, é o que a gente diz.” (Samara, idade não revelada)

Essa fala remete-se ao processo de bombação, onde as travestis se submetem a aplicações de silicone industrial no corpo, um procedimento invasivo, perigoso e bastante doloroso. Ela narra sobre esse procedimento demonstrando em sua face preocupação e medo do procedimento, por este ser arriscado. A mesma ainda relata que nunca fez o procedimento, mas que tem muitas amigas que fizeram e sofreram muitas dores, algumas chegaram a ter complicações e faleceram.

O documentário denota a coragem que as travestis tiveram de enfrentar a normatização em busca do feminino, superando as angústias, frustrações e o medo de uma vida desacreditada. Butler (2010, p.152) exemplifica que o corpo é materializado

por normas regulatórias, atendendo ao triple sexo-gênero-desejo, ela fala ainda, que os corpos nunca estão satisfeitos, não se é possível uma materialização completa, os corpos não condescendem com as normas e materializações que lhes são impostas, flexibilizando uma rematerialização desses corpos.

Entre as travestis ser belíssima é uma classificação estético moral que aponta para o conjunto de cuidados que estas dedicam ao corpo e, assim, a construção da pessoa. É este “se cuidar” que atesta a determinação da travesti em se transformar e assim adequar seu corpo de homem aos seus desejos e práticas sexuais. (PELUCIO, 2005, p. 97, grifo do autor).

O gênero é quem gera a importância do que se entende por corpo, organiza em sexos distintos e com sexualidade própria. A ideologia de gênero moderna, embasa a heterossexualidade imposta, sendo assim, que as pessoas se relacionem com pessoas do sexo oposto, pois isso é tido como algo “normal” (LEITE JUNIOR, 2008, p.114).

Um momento marcante é a fala da Andrezza, onde ela conversa com o diretor dentro de um carro, falando sobre sua trajetória de vida, a mesma narra que muito jovem se mudou para São Paulo, e em sua fala demonstrava uma decepção e mágoa ao relatar momentos difíceis que vivenciou na capital, onde contraiu uma doença e precisou ficar hospitalizada acometida de um estado grave de tuberculose.

“Minhas tias diziam, mas ele é tão estranho, é tão delicado (...). Minha avó que Deus a tenha, procurou alguém pra fazer uns trabalhos, que era pra mim morrer por lá pra não vim envergonhar a família aqui, eu só não morri por que eu tenha 111 anos da guarda forte e os orixás não permitiram, disseram que eu não merecia isso” (Andrezza, 40 anos)

A heterossexualidade é tida como a única orientação sexual legítima, pois ela fundamenta os processos de regulamentação e controle, para que assim todos se enquadrem num modo de vida considerado “correto”, “natural”, torna-a obrigatória, institucionalizada (ANTUNES; MERCADANTE, 2012).

Essa população já vem lutando e criando resistências frente ao preconceito e estigmas associados a eles, mas ainda assim esses fenômenos são muito presentes em seu contexto social, e em grande maioria do seu seio familiar, devido a exposição da travesti quando a modificação dos seus corpos causa espanto para seus familiares, desde muito jovem. Na sua tenra infância essas pessoas já são acompanhadas desse preconceito e estigmatização, surgem juntamente com essa normatização e organização social que tende a definir a normalidade e anormalidade, essa estereotipia relacionada as

transexuais e travestis de forma pejorativa e negativa é chamada de transfobia. (DE JESUS, 2014, p.106)

“Bom esse é meu ritual, tudo simples, os clientes gosta assim... passar creme pra mão ficar macia, pro cliente não reclamar, pra não machucar (risos)... o cabelo tem que tá bem pintado, bem escovado, a cara sadia e o silicone” (Silvana, idade não revelada, prostituta)

Essa é uma das muitas falas trazidas por uma das travestis entrevistadas pelo diretor do documentário Luiz Carlos de Alencar, aonde ela narra o ritual de beleza que faz para ir trabalhar nas ruas. A prostituição ainda é a principal renda das travestis, não que seja a única forma de trabalho, mas ainda assim, sua maior fonte de sustentabilidade e esta atrelada aos trabalhos nas ruas, onde se produzem toda e estão sempre muito bem arrumadas, perfumadas, “montadas” no salto 15 a espera dos seus clientes. A permanência nessa profissão ainda está implicada aos fetiches encarregados ao corpo devidamente montado, produzido para ser atraente e sensual. Em decorrência disso o trabalho na rua e onde elas se sentem desejadas e se realiza diante do feminino que elas procuram. (DE SOUSA NOGUEIRA; GOMES DE LEÓN, 2012, p.60).

“Chegou os 15 anos eu sai para o mundo, fui morar no Pelourinho e foi ali que fiz a bombação, aluguei uma casa, e ai fiquei morando lá, foi ai quando minha mãe e meu pai botou a policia atrás de mim, pra me achar, que quando me achou, já me achou montada, foi ai que foi o desespero da vida, eles acharam que ia me achar um homem, sem peito, sem nada, o cabelo já estava enorme, alisado, tudo bonitinho, quando ele (pai) me viu cara de mulher, linda e bela, ele se revoltou, ai tive que tirar tudo, eu tinha uma pele de bebê, mas quando aconteceu esse formato tudo, parei de tomar hormônio, parei de tomar tudo, pra fazer a vontade do meu queridinho pai (falando em tom de deboche, raiva)” (Pai Neném-Mara, idade não revelada, pai de santo)

Montar um corpo é uma das maiores preocupações das travestis, já que manutenção desse corpo é uma importante missão para elas estão sempre em busca da perfeição, em busca do “ser” feminina, do “ser” mulher. Elas aperfeiçoam seus corpos, suas curvas para estarem sempre desejáveis, bonitas e vistosas, o hormônio tomado por elas representa a feminilidade, pois com eles diminuem a produção de pelos, os traços ficam mais finos, ocorre uma mudança de voz, além de auxilia no processo de beleza, na feminilização desse corpo masculino, e o silicone é a representatividade da dor da beleza, das transformações e modificações do corpo geralmente se evidenciam quando há uma ruptura com vinculo familiar, onde elas conseguem introjetar nesse mundo e vivenciar as experiências de liberdade. Muitas vezes esses primeiros contatos ocorrem

quando as mesmas fazem trabalhos na rua e tem contato com outras travestis e aí que ocorre os famosos amadrinhamentos e nas ruas elas potencializam esse corpo, e assim aprendem formas de sobrevivência nesse mundo (DAVI; BRUNS; SANTOS, 2012).

“O quadril, as pernas, e o peito, mas o mais valioso é o quadril – por que é mais valioso o quadril? (entrevistador) - por que é a prática de ganhar dinheiro, é o único atrativo das travestis, é o quadril, é tanto o quadril que tem as disputas, de uma amiga com a outra, quer dizer eu boto dois litros hoje, a minha amiga amanhã já está fazendo tudo pra ganhar dinheiro pra botar mais três litros, mas do que eu, três ou quatro, então é uma disputa, se você for entrevistar elas lá em cima, você vai saber tanto que é uma disputa, que teve até essa Valkiria onze litros, que ela não sabia mais onde botava silicone” (Samara, idade não revelada)

Ocorre um jogo da sedução, da conquista, então quem estiver mais preparada vence esse jogo, o corpo vira objeto de desejo, um verdadeiro espetáculo aos olhos dos espectadores. Para alguns estudiosos da psicanálise esse corpo é pulsional, envolvido de libido e desejo, esse corpo visa somente a satisfação, já não interessa a funcionalidade biológica de reprodução, apenas a satisfação e prazer ocasionado por esse corpo, a modificação e a busca incessante para tornar esse corpo real-ideal, muitas vezes fica na ordem do impossível, ocasionando uma obsessão por esse corpo perfeito, é aí que advém as disputas para quem coloca mais silicone, uma disputa do corpo mais bonito, contudo elas não se dão conta dos riscos que oferecem a saúde com todo esse processos. (PORCINO; LIMA, 2007)

“O medico colocou um dreno aqui (colocava a mão no peito), no outro peito e puxava com a bomba, era mais outro sofrimento, pior, porque pra botar era uma coisa fácil, agora tirar foi difícil (...) Era porrada me batia mesmo, num to mentindo, to falando a verdade, ela (mãe) me batia com vontade, de fio, de tudo que tinha direito, se tivesse aquele estatuto que tem hoje no passado, ela estava na cadeia hoje, todo mundo (Pai Neném-Mara, idade não revelada, pai de santo)

A representatividade que está implicada num corpo (re)construído, está atrelado a bem mais que uma simples mudança física, pois carrega um caráter subjetivo e está ligado a um imaginário de um corpo que se constituiu bem mais que a estética, ele é personalidade, identidade, forma de um novo ser. Essa dor da beleza quer ser sentida pela maioria das travestis, pois ali marca o início, um novo nascimento, agora não mais num corpo masculino, mas sim, num corpo esculpido pelos seus desejos, para ser cobiçado, para ser cultivado. É doloroso se desfazer, voltar para o casulo, enfrenta-se não somente uma dor física, mas a dor emocional, o ser travesti entra na simbologia e

significado dos corpos. Viver a travestilidade na maioria dos casos é viver na marginalidade, na escória, todo esse glamour que é possível presenciar, vem cheio de preconceito, estigmas e conflitos (DE SOUSA NOGUEIRA; GOMES DE LEÓN, 2012, p.59).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa conseguiu contemplar os objetivos propostos, mediante análise do documentário “Bombadeira - A dor da beleza” viabilizou uma compreensão sobre a importância que os corpos têm sobre a identificação das travestis enquanto autoras das suas vidas. O longa-metragem mostra uma realidade marginalizada desses indivíduos, relatos de vidas atravessados pelo preconceito e pelos estigmas, mas ao mesmo tempo com o decorrer do filme, percebe-se que não existe apenas essa visão estigmatizante e marginalizada desses seres, mas sim são pessoas comuns sendo mostradas dentro de suas casas e relatando suas vidas, são seres sobreviventes com suas lutas diárias, apenas pessoas de carne, osso e silicone, que encaram a vida com muita coragem e resistência.

O corpo vira sinal de resistência e de existência, a dor de existir e do resistir permanece alinhada, elas “existem” enquanto seres considerados desviantes, e resistem para sobreviver a uma sociedade normalizante. O documentário possibilita a travesti mostrar sua voz, sendo esta muitas vezes amordaçada perante tudo que se relaciona a mesma. São muitas vezes obrigadas a viver na obscuridade, mas com toda coragem elas renascem, se transformaram como borboletas, se reinventaram como puderam e como não puderam para sobreviver a esse mundo marginal a que são submetidas.

O documentário mostra a vida dessas travestis no “nu e cru”, o que nos permite perceber sua coragem ao enfrentarem o processo de “bombaço”, um procedimento tão invasivo, doloroso, mas tão repleto de significado, um processo que é bem mais que o ato de aplicar silicone, mas demarca novas formas de ser e de viver, marca um novo capítulo da história dessas pessoas, (re)constrói uma nova pessoa. Bombadeira quer mostrar que é no silêncio das ruas escuras, nos becos e vielas que o silicone se mostra bem mais do que um simples procedimento estético, mas como uma forma de sobrevivência.

O documentário como problemática desta pesquisa visa mostrar como é a resistência frente à dor de bombar, quais são as dores de ser travesti contestando a normatização. Argumenta sobre a falta de acessibilidade dessa população a saúde,

educação, empregos com melhores condições de trabalho, a uma aceitação da sociedade. Faz-se pensar o pesar que carrega o procedimento de bombaço convivendo em uma sociedade excludente, machista e segregacionista. A travessia das travestis apresentadas no documentário nos permite pensar em esperanças de termos discursos livres, sem perversidade, taxações e estigmas, de pessoas livres.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, P. P. S; MERCADANTE, E. F. Travestis, envelhecimento e velhice. **Revista Kairós : Gerontologia**, v. 14, p. 109-132, jun. 2012. ISSN 2176-901X.

ANTUNES. P.P.S. **Travestis Envelhecem?**. 134 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) - Pontifícia Universidade Católica - PUC, São Paulo-SP, 2010.

BARROS DANTAS, Jurema. Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 11, n. 3, 2011.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade?**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

BUTLER, Judith. Corpos que Pesam: Sobre os Limites Discursivos do “Sexo”. In: Guacira Lopes Louro. (Org.). **O corpo educado**. Pedagogias da Sexualidade. 3a. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, v. 01, 2010. 174 p.

CARNEIRO. R.G da S; GOMES. B.F de P; ALVES. L.G.C. **Senhoras babadeiras: a relação da travesti idosa com seu corpo**. In: V seminário internacional enlaçando sexualidades.anais. Salvador- BA, 2017.

DAVI, E. H; BRUNS, M. A. T. “Caindo na Vida”: Vivência e Corporeidade Travesti na Perspectiva Fenomenológica. **Interação em Psicologia**, v. 19, n. 3, p.329-340, 2015.

DE LUCAS FREITAS, J et al. Corpo e psicologia: uma revisão da produção científica brasileira na primeira década dos anos 2000. **Psicologia em Revista**, v. 21, n. 1, p. 66-86, 2016.

DE MENDONÇA, J. R. C; CORRERIA, M. A. L. A abordagem dramatúrgica e os métodos visuais de pesquisa: a observação do gerenciamento de impressões nas interações sociais. **Revista de Administração Mackenzie (Mackenzie Management Review)**, v. 9, n. 4, 2008.

DE JESUS, J. G. Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. **História Agora, São Paulo**, v. 16, p. 101-123, 2014.

DE SOUSA NOGUEIRA, F. J; GOMES DE LEÓN, A. “Trabalhadas no feminino”: um estudo sobre corpo, desejo e prostituição travesti em Fortaleza-CE. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad**, v. 3, n. 8, p. 55-67, 2012.

FERNANDES, L; BARBOSA, R. A construção social dos corpos periféricos. **Saúde e Sociedade**, v. 25, p. 70-82, 2016.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.

JAYNE, J.G Travestis, transformistas, drag queens, transexuais: montando corpo, pessoa, identidade e gênero. In : CASTRO, AL. (org). **Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades: olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Cap7, p.167-193.

LEITE JUNIOR. F.F; NASCIMENTO. F.A. **O ser e a imagem de si: a invenção do sexo ou a adequação do mesmo**. In: II seminário nacional de educação, diversidade sexual e direitos humanos, 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/gepss/article/view/3871>. Acesso em: 14 nov.2018.

LEITE JUNIOR. Jorge. **Nossos corpos também mudam. Sexo, gênero, e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico**. Tese de doutorado em Ciências Sociais. PUC - SP, São Paulo, 2008.

LONGARAY, D. A; RIBEIRO, P. R. C. Travestis e transexuais: corpos (trans) formados e produção da feminilidade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 761-784, 2016.

MISKOLCI. R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, p. 150-182, 2009.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NOGUEIRA. F. J de S. **“Mariconas”**: itinerários da velhice travesti (des) montagens e (in) visibilidades. 230f. Tese de doutorado em sociologia. Universidade federal da Paraíba- UFPB, João Pessoa, 2013.

PELÚCIO, Larissa. " Toda quebrada na plástica": corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. **Campos-Revista de Antropologia**, v. 6, 2005.

PENAFRIA, M. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)**. In: VI Congresso SOPCOM, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 25 nov.2018

PORCINO, C. A.; LIMA, D. S. **A percepção das travestis que (re)inventam o corpo na cidade de Salvador acerca do envelhecimento**. Salvador, 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia). Faculdade de Tecnologia e Ciências, Salvador, 2007.

SANTOS FILHO, F. R. M; DE SOUSA, M. L. T. Implicações ético política do corpo travesti nas políticas de saúde. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, v. 16, 2017.